

MÍSTICA E METAFÍSICA NA POESIA DE DRUMMOND

Luzia Aparecida Berloff Tofalini
UNIPAR - PR

Entre as várias nuances da poesia de Carlos Drummond de Andrade, delineia-se aquela que, a partir de uma visão da existência, revela uma preocupação metafísica e, conseqüentemente, a procura de suportes na mística. No intuito de investigar o modo pelo qual essa poesia é vazada de elementos místicos, privilegiar-se-á, aqui, o aspecto semântico de alguns poemas e fragmentos de outros.

O problema da angústia constitui uma especificidade humana que se manifesta através da linguagem. É que sem linguagem não há angústia, porque a linguagem é o próprio ser. Entretanto, para o *ser-aqui* (HEIDEGGER, 1983a), a expressão do sentimento de angústia diante do *estar-no-mundo* e de *ser-para-a-morte* não poderia se coadunar com qualquer tipo de linguagem, mas com uma linguagem essencialmente literária, extremamente eivada de poesia, porque a experiência da angústia exige a linguagem poética. Todavia, essa linguagem precisa enfrentar uma dupla luta. De um lado contra o silêncio e, de outro, contra a tagarelice, condensando-se e tornando-se capaz de exprimir a densidade do "eu" profundo. Somente a linguagem da poesia guarda o segredo da magia de sugerir o intraduzível. Com efeito, no dizer de Martin Heidegger (1993b: 149), "a linguagem é a casa do ser (...) e os pensadores e os poetas são os guardas dessa habitação".

A produção literária drummondiana foi criada ao longo de quase um século, marcado por agudas crises nos campos político, econômico e social. O sujeito, nesse momento, descentralizou-se e este fato foi captado pela poesia moderna e, naturalmente, por Drummond. Daí o mundo e o ser em crise permearem os versos do poeta. O homem, embrutecido e reificado, sente crescer em si a necessidade de encontrar um sentido para a vida, porque o *ser-aqui* não

aceita a condição de *ser* apenas um instante, caindo, depois, no silêncio do nada. Ele tende para o sublime, para o transcendente. A poesia é, justamente, o elemento mitigador do sofrimento diante do existir, porque ela é mecanismo e instrumento que possibilita o eclodir do conteúdo mais puro que, ainda, habita a alma humana. É, sem sombra de dúvidas, a poesia que permite e dá acesso à via dos questionamentos e indagações. As frustrações, o tédio e a angústia, presentes nos poemas de Drummond, são elementos incontestes de uma poesia que se fez instrumento de luta e veículo mediador entre a interioridade do ser e a realidade externa. Um exemplo pode ser encontrado no poema "Cerâmica":

*Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
Ela nos espia do aparador.*

Há um jogo de configuração entre o objeto e o sujeito. "Os cacos da vida" denotam historicidade, enfatizando a fragmentação, a ruína da vida. Não da vida "autêntica", mas do arremedo de vida vivida pelos homens. O pronome oblíquo "nos" aponta para a pluralidade, estabelecendo uma relação de cumplicidade entre o individual e o coletivo, remetendo para a mesmice do dia-a-dia. Através de vivências individuais, o poeta desnuda os signos da existência e constrói um discurso metafísico muito próximo do processo simbólico de configuração da realidade, conferindo à sua poesia uma dimensão mundial, universal. É que quanto mais individual, tanto mais coletiva será a voz lírica. Nesse sentido, se o ponto de partida é o particular, o ponto de chegada terá que ser o universal.

De fato, Drummond elege o cotidiano como tema e assunto de sua poesia, e a palavra como seu campo de pesquisa. A vida presente mostra-se, então, cheia de contradições. Em "Cidadezinha Qualquer" (ANDRADE, 1964: 67), o próprio título dá a dimensão da mesmice na

qual o ser está inserido. Os pontos que separam os períodos imprimem, à leitura, um ritmo pausado que sugere morosidade.

*Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar*

*Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.*

*Devagar as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.*

Todavia, o verso final, "Eta vida besta, meu Deus", demonstra o sem sentido da existência se depois dessa "ninharia" houver apenas o silêncio do nada, no além-túmulo. O eu-poemático refuta essa idéia ao fazer a invocação, "meu Deus", porque, dessa forma, ainda que o "homem", como um "cachorro" e um "burro", transite pela vida sem compreender a sua essência, resta a esperança de que, se houver, de fato, o Deus evocado no poema, nem tudo estará perdido. O pronome possessivo "meu" é marca da tentativa de estabelecer intimidade com esse Deus, cuja comunicação com o ser parece não passar do grau zero. Além disso, esse pronome parece demonstrar a necessidade, inerente ao homem, de que Deus seja elemento de sua pertença. Eis aí o grito do *ser-aqui* reclamando sua entrada na vida autêntica, procurando fugir da banalidade corriqueira.

A exploração do cotidiano constitui um recurso na tentativa de resgatar o ser humano em suas longínquas raízes e levá-lo à profunda reflexão, no sentido de compreender os segredos escondidos nas esquinas da vida diária e fazer deles trampolim para indagações de ordem existencial. Com efeito, ao emergir do cotidiano, a poesia de Carlos Drummond de Andrade ganha força e impulso para fazer o salto no metafísico.

Em "No meio do caminho" (ANDRADE, 1964: 61), do livro *Alguma Poesia*, a palavra "pedra", que estava "no meio do caminho", é plurissignificativa e pode ser entendida como sendo a morte e o "meio do caminho" como o inexorável momento entre o aqui e o desconhecido, o além. A técnica da repetição poderia ser entendida como o ir e vir ao problema existencial e metafísico na tentativa de resolvê-lo, e também como recurso "não apenas como apoio fonético e formal do poema, mas como a mais precisa dentre as possíveis formas de verbalização de um processo obsessivo de presença afetiva (ou desafetiva) e moral num psiquismo" (HOUAISS, 1972: 170).

O tempo é fundamental e adquire extrema relevância na poesia de Drummond. No poema "mãos Dadas" (ANDRADE, 1964: 111), há versos denunciadores da intenção de presentificação temporal:

*O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
A vida presente.*

Trata-se da necessidade de impedir o fluir do tempo linear, para deter a aproximação do momento supremo em que o *ser-aqui* teme deixar de ser, porque o passar do tempo conduz à morte. A poesia de Drummond eterniza as banalidades do cotidiano, alterando nelas a dimensão de brevidade. Há um prolongamento do instante. O eu-poemático angustia-se diante da sucessão temporal. Quanto mais eternizados estiverem os fatos corriqueiros, mais distante estará a realidade da morte. Esse tempo, aparentemente, estático remete ao mito do "Eterno Retorno" do qual fala Mircea Eliade (1969). O tempo mítico, presentificado, intuído a partir do cotidiano e transfigurado pela poesia, revela a origem e a abrangência da trajetória humana encarnada e expressa na palavra poética. Trata-se da intemporalização da poesia. É que sendo a poesia sempre presente, a morte é impotente contra ela.

O universo cotidiano, controvertido e adverso, transforma-se em fonte de inspiração do poeta para expor o conflito interior. Diante da certeza da morte, não apenas como devir, mas como realidade vivenciada por entes próximos, há uma ampliação do sentimento de angústia. De fato, a "morte dos amigos transfunde-se em experiência de sua própria morte. Aqueles que com ele experimentaram a vida adiantaram-se na experiência deixando-o só e com um imperfeito conhecimento do fim" (SANT'ANNA, 1970: 187). A consciência de *ser-para-a-morte* é, então, maiusculada, gerando uma profunda solidão que vem do mais abissal do ser. A morte poderia configurar-se na solução metafísica para a angústia do ser. O problema seria cair no negrume do nada, além da morte. Para encontrar determinado grau de positividade nessa angústia, torna-se, então, necessário recorrer à mística, mas essa mística precisa ser modernizada. Daí a humanização de Deus, do sagrado, através da caracterização de um Deus-gente, presente no dia-a-dia do homem.

O fundo poético do ser sempre tocou as raias do sagrado. Há um impulso do *ser-aqui* tentando lançá-lo para o alto. A matéria, porém, o atém preso às ninharias do cotidiano. No século XX, no entre e pós-guerras, o homem encontrava-se em estado lamentável de angústia. Lamentável do ponto de vista do sofrimento em si, uma vez que, para Heidegger (1993), a angústia do *ser-aqui*, em previsão e a caminho de *ser-para-a-morte*, deve ser positiva, já que ela confere maior responsabilidade ao existir. Todavia, nos poemas de Carlos Drummond de Andrade, a angústia natural do homem diante da possibilidade da morte é extremamente agravada pelo descrédito nas instituições sociais e, principalmente, pela incerteza da existência de um Ser Supremo, Alguém que subsumisse o ser.

Na poesia drummondiana, o eu-poemático precisa relativizar a idéia do sagrado para conseguir retomar a consciência mística e poética primitiva, e poder, dessa forma, encontrar-se consigo mesmo, ficar em pé. Há, de fato, em cada ser, a existência de um sagrado lá onde o

inconsciente se confunde com a divindade. Eis aí uma alusão à experiência humana antiga diante dos mitos.

A modernidade, na arte e na literatura, trava uma luta pela liberdade de criação, mas esse elemento não isenta o poeta do repensar suas posturas teórico-pessoais e reencontrar elementos místicos na expressão poética. Na poesia de Carlos Drummond de Andrade, a manifestação mística possui caráter popular. Na interação entre o eu-lírico e a mística, os versos, nos quais se encontra a figura do Elemento Sagrado, permitem visualizar a consciência do eu-poemático. Para Octávio Paz (1982: 189), a “palavra poética e a palavra religiosa se confundem ao longo da história. Mas a revelação religiosa não constitui (...) o ato original, e sim, sua interpretação. Em contrapartida, a poesia é revelação de nossa condição e, por isso mesmo, criação do homem pela imagem”.

No encontro da poesia, que tem por base a auto-imagem do *ser-aqui*, e do sagrado, para o qual o ser tende ao não conseguir resolver seus conflitos metafísicos, brota uma expressão carregada de mística, embora, no caso de Drummond, essa mística seja, quase sempre, colocada em questão: "Deus?". Ou relativizada pela modernização dos dizeres bíblicos. É que na tentativa de desmistificar o religioso pela ironia, o ser questiona ao limite a sua condição como ser jogado no mundo e sujeito à sua própria sorte, ao mesmo tempo em que coloca a morte (já que não a pode suprimir) o mais longe possível. Deus acaba sendo modelado pelo eu-poemático à sua própria semelhança, isto é, Ele perde a aura do sagrado e, conseqüentemente, tem sua autoridade negada.

Na base dos sentimentos mais humanos está a necessidade da existência do Ente Eterno. As dúvidas, as certezas e o medo estão escritos indelévels na memória humana e no chamado “inconsciente coletivo”. Quando toca o sagrado, a poesia de Drummond mostra-se extremamente singular. A poesia jamais pode se desvencilhar do religioso, do sagrado, do místico. Daí a

necessidade de Drummond registrar, também ele, o problema. Em seus poemas, porém, o Transcendente não é mencionado como Algo tranqüilo ao qual o *ser-aqui* pode se abandonar e ter a sensação de aconchego, mas é estabelecida a dúvida e atrás dela uma ironia carregada e amargurada. O poema "Passagem do Ano" (ANDRADE, s.d: 38-39) pode ser um exemplo:

(...)
*Um homem e seu contrário,
uma mulher e seu pé,
um corpo e sua memória,
um olho e seu brilho,
uma voz e seu eco,
e quem sabe até se Deus...*

Essa manifestação de elementos místicos atesta e ratifica o desejo, ainda que inconsciente, que o homem tem de retornar às crenças primitivas. No fundo está a necessidade de reencontro consigo mesmo.

Os poemas fazem a fusão de motivos religiosos e cenas da vida cotidiana para formar a multiplicidade de imagens conflituosas que irão simbolizar o coletivo humano e o divino no homem. Desde o livro de estréia, *Alguma Poesia*, a produção literária de Drummond dialoga com o místico, com as Escrituras Sagradas. No "Poema de Sete Faces" (ANDRADE 1964: 63), em que um fragmento não se conecta com o outro (herança das vanguardas do início do século), há, na terceira estrofe, terceiro verso, uma tentativa de diálogo:

para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.

A sinédoque "tanta perna" é plurissignificativa. Tanto pode referir-se à grande quantidade de pessoas como ao elemento erótico. O eu-poemático não hesita em questionar as ações de Deus, que ele chama de "meu" para ironizar. É, porém, na quinta estrofe que a figura de Deus não

apenas se instala como vocativo, mas na qualidade de Ser contra o qual é possível travar um monólogo de protesto:

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

Há uma apropriação da fala sagrada. Trata-se do revestimento do intertexto bíblico, impregnado-o de modernidade. A recriação dessa fala torna ainda mais significativa essa apropriação. Na verdade, o versículo é revestido de modernidade na medida em que sofre ampliação:

*se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

Esse redimensionamento do Texto Sagrado deixa incontestado a crença em Deus por parte do ser, mas de modo relativizado. O eu-poemático está cada vez mais exilado em si mesmo. O uso da primeira pessoa (eu) aproxima o eu-lírico do leitor. Deus, por sua vez, aparece na segunda pessoa (se sabias), o que evidencia a tentativa de diálogo com a divindade, mas ao mesmo tempo ratifica o distanciamento, perceptível na mudez do Ente Supremo.

Em o "O Morto de Mênfis", publicado no *Correio da Manhã*, oito dias após o assassinato de Martin Luther King, no Tennessee (Cf. HOUAISS, 1972: 208), fica evidente que o eu-poemático não suporta a idéia da morte e só pode conviver com ela se ela vestir a roupagem da poesia. O poeta está profundamente indignado com seu tempo, no qual a própria mão humana antecipa a destruição ou joga para o incerto, o escuro, o além-túmulo. Eis alguns versos:

*Onde a vida brota
seu talo verde,
ele vai e corta.*

O homem perdeu a sua identidade. Não consegue se encontrar com o outro que deveria ser seu espelho, porque esse outro também se encontra desfigurado, deformado por uma gama de acontecimentos de natureza interna e externa:

*o homem não se reconhece
no semelhante.
O homem anoitece.*

A mão assassina procura neutralizar e destruir as idéias e projetos mais relevantes para o melhoramento da vida humana. Todavia,

*as artes, os sonhos
dissipam-se no projeto medonho.*

Mas, é a morte que regula a vida, porque o homem que luta pelo bem retira sua força da própria luta. É que a certeza da morte confere gravidade ao existir:

*em sua fraqueza
mais forte que a força,
mais força que a morte.*

As poesias de Carlos Drummond de Andrade são marcadas por uma crise existencial que oscila entre o niilismo e a crença em Deus. Daí aparecer, não raro, a temática do nada na produção do poeta. No poema surrealista "Descoberta", a desorganização da sintaxe e da semântica é indício da fragmentação e do beco sem saída do existir.

*O dente morde a fruta envenenada
a fruta morde o dente envenenado
o veneno morde a fruta e morde o dente
o dente, se mordendo já descobre
a polpa deliciosíssima do nada.*

O vocábulo "dente", por exemplo, pode ser entendido como o resíduo humano. Nesse caso, a morte é a "marca d'água" do poema que aponta, no final, para o niilismo. É possível

perceber que, embora não faça uso de uma linguagem especificamente filosófica, a poesia de Drummond remete à filosofia.

Freqüentemente, na sua obra, as perguntas não encontram respostas unívocas e "em vez de encaminharem-se para um final de apaziguamento da dúvida, desembocam na manutenção do dilema (CORREIA, 2002: 138). Imerso na angústia de sentir o mundo de todas as formas, só a poesia pode aliviar o *ser-aqui*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, s.d.

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zúhar, 2002.

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Arquétipos e repetição. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1969.

HEIDGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad.: Márcia de Sá Cavalcanti. V. I e II, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993a..

_____. *Sobre o Humanismo*. IN: *Conferências e Estudos Filosóficos*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1993 b.

HOUAISS, Antônio. *Carlos Drummond de Andrade*. IN: *Poetas do Modernismo*. V.3, Brasília: MEC, 1972.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad.: Olga Sararay. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Lia. INL, 1972.